

RICK RIORDAN

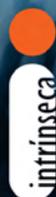
AS PROVAÇÕES DE

APOLO



LIVRO CINCO

A TORRE DE NERO



RICK RIORDAN

AS PROVAÇÕES DE
APOLLO

LIVRO CINCO
A TORRE DE NERO

TRADUÇÃO DE GIU ALONSO E REGIANE WINARSKI



Copyright © 2020 by Rick Riordan
Publicado mediante acordo com Galtt & Zacker Literary Agency LLC.

TÍTULO ORIGINAL
The Tower of Nero

PREPARAÇÃO
Nina Lopes
Marcela de Oliveira

REVISÃO
Carolina Vaz

ADAPTAÇÃO DE CAPA E DIAGRAMAÇÃO
Julio Moreira | Equatorium Design

ARTE DE CAPA
Joann Hill

ILUSTRAÇÃO DE CAPA
© 2020 John Rocco

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

R452t

Riordan, Rick, 1964-
A torre de Nero / Rick Riordan ; tradução Regiane Winarski, Giu
Alonso. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2020.
336 p. ; 23 cm. (As provações de Apolo ; 5)

Tradução de: The tower of Nero
ISBN 978-65-5560-101-5

1. Ficção. 2. Literatura infantojuvenil americana. I. Winarski, Regiane. II.
Alonso, Giu. III. Título. IV. Série.

20-65967

CDD: 808.899282
CDU: 82-93(73)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

[2020]
Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Intrínseca Ltda.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400



1

Cobra com cabeças

Atravancando a viagem

Que tênis fedido

QUANDO SE VIAJA por Washington, D.C., é até de se esperar ver algumas cobras com roupa de gente. Mas ainda assim fiquei bem preocupado quando uma jiboia de duas cabeças embarcou no nosso trem na Union Station.

A criatura tinha se enfiado num terno de seda azul, passando o corpo pelas mangas e pelas pernas da calça, simulando membros humanos. Duas cabeças saíam pela gola da camisa de botão como periscópios gêmeos. Levando-se em conta que era basicamente uma bexiga gigante em forma de animal, daquelas famosas em aniversários infantis, a jiboia tinha movimentos muito graciosos e se sentou na outra ponta do vagão, virada para nós.

Os outros passageiros a ignoraram. Sem dúvida, com a percepção afetada pela Névoa, viam só mais um passageiro comum. A cobra não fez nenhum movimento ameaçador. Nem chegou a olhar para nós. Até onde eu sabia, era só um monstro cansado voltando para casa depois de um dia de trabalho.

Mas eu não podia simplesmente supor...

— Não quero te assustar... — sussurrei para Meg.

— Shh — respondeu ela.

Meg levava a regra do vagão silencioso a sério. Desde que havíamos embarcado, quase todos os ruídos no vagão vinham dela fazendo “shh” toda vez que eu falava, espirrava ou pigarreava.

— Mas tem um monstro aqui — insisti.

Ela tirou os olhos da revista de cortesia, a sobranceira erguida por trás dos óculos de gatinho com pedrinhas brilhantes na armação. *Onde?*

Indiquei a criatura com o queixo. Quando nosso trem saiu da estação, a cabeça da esquerda ficou olhando, distraída, pela janela. A da direita enfiou a língua bifurcada numa garrafa de água que a jiboia segurava com uma das curvas do corpo, disfarçada de mão.

— É uma *anfísbena* — sussurrei e, com toda a boa vontade, acrescentei: — Uma cobra com uma cabeça em cada ponta.

Meg franziu a testa e deu de ombros, o que, segundo minha leitura, significava *Parece bem tranquila*. E voltou a ler.

Engoli a vontade de argumentar. Principalmente porque não queria ser re-preendido de novo.

Eu não podia julgar Meg por desejar um pouco de paz na viagem. Na semana anterior, havia sido uma luta lidar com um grupo de centauros selvagens no Kansas, enfrentar um espírito da fome furioso no Maior Garfo do Mundo em Springfield, Missouri (e nem tirei selfie), e dar várias voltas no hipódromo de Churchill Downs fugindo de dois drakons azuis do Kentucky. Depois disso tudo, uma cobra de duas cabeças usando um terno talvez não fosse motivo para alarde. E ela nem estava nos incomodando no momento.

Tentei relaxar.

Meg enfiou o rosto na revista, absorta num artigo sobre jardinagem urbana. Minha jovem companheira tinha espichado desde que a conheci, mas continuava compacta o bastante para apoiar os tênis vermelhos de cano alto confortavelmente nas costas do banco da frente. Confortavelmente para *ela*, claro, não para mim e nem para os outros passageiros. Meg não tinha trocado os sapatos desde nossa corrida em volta do hipódromo, e aqueles tênis estavam com cara e cheiro de cocô de cavalo.

Pelo menos havia trocado o vestido verde em farrapos por uma calça jeans adquirida numa liquidação e uma camiseta verde com os dizeres VNICORNES IMPERANT! comprada na lojinha de souvenirs do Acampamento Júpiter. Com o cabelo começando a crescer e uma espinha vermelha furiosa nascendo no queixo, ela não parecia mais uma criança do jardim de infância. Quase aparentava sua idade real: uma pré-adolescente entrando no círculo do inferno conhecido como puberdade.

Não compartilhei essa observação com Meg. Primeiro, porque eu tinha minha própria acne com que me preocupar. Segundo, porque, como minha mestra, Meg podia me mandar pular pela janela, e eu seria obrigado a obedecer.

O trem seguiu pelos subúrbios de Washington. O sol do fim da tarde piscava entre os prédios como a lâmpada de um projetor de filmes antigo. Era uma hora maravilhosa do dia, quando um deus do sol estaria encerrando o expediente, estacionando a carruagem no antigo estábulo e indo relaxar no palácio com um cálice de néctar, bajulação de algumas ninfas e uma nova temporada de *De férias com Esculápio* para maratonar.

Mas para mim não tinha nada de maravilhoso, já que eu estava sentado em uma poltrona de estofamento rachado num trem velho e fadado a assistir por horas aos sapatos fedidos da Meg.

Na outra ponta do vagão, a anfisbena continuou sem fazer nada ameaçador... a não ser que se considerasse beber água em uma garrafa descartável um ato ofensivo.

Por quê, então, os pelos da minha nuca estavam eriçados?

Eu não conseguia acalmar minha respiração. Estava me sentindo preso ali no assento da janela.

Talvez eu só estivesse nervoso por causa do que nos esperava em Nova York. Depois de seis meses naquele corpo mortal infeliz, eu estava me aproximando do fim do jogo.

Meg e eu tínhamos percorrido os Estados Unidos de um lado a outro. Havíamos libertado oráculos antigos, derrotado legiões de monstros e sofrido os horrores indescritíveis do sistema de transporte público norte-americano. Por fim, depois de muitas tragédias, havíamos triunfado sobre dois dos imperadores do Triunvirato do mal, Cômodo e Calígula, no Acampamento Júpiter.

Mas o pior ainda estava por vir.

Estávamos voltando para o lugar onde nossos problemas começaram: Manhattan, a base de Nero Cláudio César, o padrasto abusivo da Meg e o violinista que eu mais detestava. Mesmo que conseguíssemos derrotá-lo, uma ameaça ainda mais poderosa se esgueirava ao fundo: minha arqui-inimiga, Píton, que tinha se instalado em meu sagrado Oráculo de Delfos como se fosse um Airbnb de quinta categoria.

Nos próximos dias, ou eu derrotaria esses dois inimigos e me tornaria o deus Apolo de novo (supondo que meu pai Zeus permitisse) ou morreria tentando. De uma forma ou de outra, meu tempo como Lester Papadopoulos estava chegando ao fim.

Talvez minha agitação não fosse nenhum motivo de mistério...

Tentei me concentrar no lindo pôr do sol. Tentei não ficar pensando na minha lista impossível de tarefas nem na cobra de duas cabeças na fileira dezesseis.

Consegui chegar até a Filadélfia sem ter um colapso nervoso. Mas, quando o trem saiu da estação 30th Street, duas coisas ficaram claras para mim: 1) a anfisbena não ia descer do trem, o que significava que não devia ser apenas um passageiro comum voltando do trabalho, e 2) meu radar de perigo estava apitando mais alto do que nunca.

Eu me sentia *observado*. Era a mesma sensação de quando brincava de pique-esconde com Ártemis e as caçadoras dela na floresta, instantes antes de elas pularem de trás dos arbustos e me encherem de flechas. Isso foi na época em que eu e minha irmã éramos deidades jovens e ainda podíamos apreciar tão simplórios passatempos.

Arrisquei um olhar para a anfisbena e quase tive um treco. A criatura estava me encarando, sem piscar os quatro olhos amarelos que... começavam a brilhar? Ah, não, não, não. Olhos que brilham nunca são um bom sinal.

— Eu tenho que passar — falei para Meg.

— Shh.

— Mas aquela criatura... Quero dar uma olhada nela. Os olhos estão brilhando!

Meg estreitou os olhos para o sr. Cobra.

— Não estão, não. Estão *cintilando*. Além do mais, ele só está lá sentado.

— Ele está lá sentado de um jeito suspeito!

O passageiro atrás de nós sussurrou:

— Shh!

Meg ergueu as sobrancelhas para mim. *Eu avisei*.

Apontei para o corredor e fiz beicinho.

Ela revirou os olhos, saiu da rede imaginária em que estava deitada e me deixou sair.

— Não arruma confusão — ordenou ela.

Que ótimo. Agora eu teria que esperar o monstro atacar para me defender.

Fiquei parado no corredor, esperando que o sangue voltasse a circular nas minhas pernas dormentes. Quem inventou o sistema circulatório humano fez um péssimo trabalho.

A anfisbena não tinha se movido. Os olhos continuavam fixos em mim, como em uma espécie de transe. Talvez estivesse reunindo energia para um ataque violento. Anfisbenas faziam isso?

Procurei na memória fatos sobre a criatura, mas não encontrei muita coisa. O escritor romano Plínio acreditava que usar um bebê vivo de anfisbena enrolado no pescoço garantia uma gravidez segura (informação inútil). Usar a pele da criatura deixava uma pessoa atraente para possíveis parceiros. (Humm. Inútil também.) As duas cabeças eram capazes de cuspir veneno. *A-há!* Devia ser isso. O monstro estava se preparando para um jorro duplo de vômito venenoso pelo vagão do trem!

O que fazer...?

Apesar das minhas explosões ocasionais de poder e habilidade divinas, eu não podia contar com isso. Na maior parte do tempo, eu ainda era um deplorável garoto de dezessete anos.

Poderia pegar meu arco e minha aljava no compartimento superior de bagagem. Seria bom estar armado. Por outro lado, isso deixaria minhas intenções hostis bem claras. Meg provavelmente me daria uma bronca pela reação exagerada. (Desculpa, Meg, mas os olhos estavam *brilhando*, não cintilando.)

Se ao menos eu tivesse uma arma menor, talvez uma adaga, escondida embaixo da camisa. Por que eu não era o deus das adagas?

Decidi caminhar pelo corredor do vagão como se estivesse apenas indo ao banheiro. Se a anfisbena atacasse, eu gritaria. Com sorte, Meg largaria sua revista a tempo de me salvar. Pelo menos eu teria forçado o confronto inevitável. Se a cobra não fizesse nada, bem, talvez fosse de fato inofensiva. Nesse caso, eu poderia ir mesmo ao banheiro, porque até que estava precisando.

Tropecei nas minhas pernas finas, o que não ajudou na minha abordagem “casual”. Pensei em assobiar uma melodia descontraída, mas lembrei que estávamos no vagão silencioso.

Faltavam quatro fileiras até o monstro. Meu coração estava disparado. Aqueles olhos com certeza estavam brilhando, sem dúvida fixos em mim. O monstro estava imóvel de uma forma nada natural, até mesmo para um réptil.

Duas fileiras. Minha mandíbula trêmula e meu rosto suado atrapalhavam meu ar distraído. O terno da anfisbena parecia caro e bem cortado. Sendo uma cobra gigante, ele não devia encontrar roupas em lojas convencionais. A pele marrom e amarela reluzente com manchas em forma de diamantes não passaria uma imagem atraente num aplicativo de encontros, a não ser que tivesse alguém lá procurando uma jiboia.

Quando a anfisbena agiu, eu achava que estivesse preparado.

Mas me enganei. A criatura pulou com uma velocidade inacreditável e envolveu meu pulso com o falso braço esquerdo. Fiquei tão surpreso que nem gritei. Se ela quisesse me matar, eu teria morrido.

Mas o monstro só apertou meu braço, me fez parar e se agarrou a mim como se estivesse se afogando.

Falou com um sibilar grave e duplo que ressoou na minha medula óssea:

— *O amigo dos velocistas das cavernas é de Hades um dos descendentes*

E para o trono ele deverá mostrar o caminho escondido.

Do exército de Nero agora suas vidas são dependentes.

Do mesmo modo abrupto que me segurou, voltou a me soltar. Os músculos ondularam ao longo do corpo, como se estivesse chegando no ponto de fervura. A anfisbena se sentou ereta e alongou os pescoços até ficarmos quase caras a cara. O brilho sumiu dos olhos dela.

— O que eu tenho que fazer...? — A cabeça da esquerda olhou para a da direita. — Como...?

A cabeça da direita pareceu igualmente intrigada. Então olhou para mim.

— Quem é...? Espera aí, eu perdi a estação de Baltimore? Minha esposa vai me matar!

Fiquei sem saber o que dizer de tão chocado.

Os versos que ela disse... Eu reconheci a métrica poética. Aquela anfisbena tinha transmitido uma mensagem profética. Percebi naquela hora que o monstro podia muito bem ser um passageiro comum que havia sido possuído, sequestrado pelos caprichos do Destino porque... Claro. Era uma cobra. Desde

os tempos mais antigos, as cobras canalizam a sabedoria da terra porque moram no subterrâneo. Uma serpente gigante seria especialmente suscetível a vozes oraculares.

Eu não sabia muito bem o que fazer. Deveria me desculpar pelo incômodo? Dar uma gorjeta? E, se ela não era a ameaça, o que tinha disparado meu radar de perigo?

Fui salvo de uma conversa constrangedora, e a anfisbena, das garras da esposa, quando duas setas de besta voaram pelo vagão e adiantaram o serviço, ficando os dois pescoços da pobre cobra na parede atrás de nós.

Dei um grito. Vários passageiros próximos me mandaram fazer silêncio.

A anfisbena se desintegrou em pó amarelo, deixando apenas um terno muito bem cortado.

Levantei as mãos lentamente e me virei, como se girando sobre uma mina terrestre, quase esperando que uma flecha perfurasse meu peito. De jeito nenhum eu conseguiria desviar da mira de alguém tão preciso. Minha melhor chance seria não representar ameaça alguma. E nisso eu era bom.

Na outra ponta do vagão havia duas figuras enormes. Uma delas era um germânico, a julgar pela barba, o cabelo ralo e desgrenhado, a armadura rústica de couro e as grevas e peitoral de ouro imperial. Não o reconheci, mas tinha conhecido muitos tipos como ele recentemente. Eu não tinha dúvida de quem o mandara ali. Os capangas de Nero tinham nos encontrado.

Meg ainda estava sentada, segurando as espadas douradas gêmeas mágicas, mas o germânico estava com o fio da espada no pescoço dela, encorajando-a a ficar parada.

A companheira dele era a dona da besta. Ainda mais alta e corpulenta, usava um uniforme de condutora que não enganava ninguém... a não ser, pelo visto, todos os mortais no trem, que não deram a mínima para os recém-chegados. Debaixo do chapéu de condutora, a cabeça da atiradora era raspada nas laterais, deixando no meio uma juba castanha sedosa que descia pelo ombro numa trança. A camisa de manga curta apertava tanto os ombros musculosos que achei que as dragonas e o crachá saíriam voando. Os braços eram cobertos de tatuagens circulares entrelaçadas, e em volta do pescoço havia um aro dourado e grosso: um torque.

Eu não via um desses fazia séculos. Aquela mulher era gaulesa! A descoberta fez meu estômago se embrulhar. Na época antiga da República Romana, os gauleses eram ainda mais temidos do que os germânicos.

A besta dupla já estava recarregada e apontada para a minha cabeça. No cinturão da mulher havia uma variedade de outras armas: um gládio, uma clava e uma adaga. Ah, claro, *ela* tinha uma adaga.

Sem tirar os olhos de mim, ela apontou o queixo duas vezes para o próprio ombro, sinal universalmente conhecido como *Vem aqui senão te mato*.

Calculei minha chance de correr e derrubar os inimigos antes que eles matassem Meg e a mim. Zero. Minha chance de me esconder de medo atrás de um assento enquanto Meg acabava com os dois? Um pouco maior, mas ainda péssima.

Segui pelo corredor com os joelhos bambos. Os passageiros mortais franziram a testa quando passei. Pelo que pude perceber, achavam que meu grito tinha passado dos limites do vagão e que a condutora estava ali para chamar minha atenção. O fato de que a condutora estava portando uma besta e havia acabado de matar um passageiro serpentina de duas cabeças parecia ter passado despercebido por eles.

Cheguei à minha fileira e olhei para Meg, em parte para ver se ela estava bem, em parte porque estava curioso para saber por que ela não tinha atacado. Uma espada no pescoço não era o bastante para desencorajá-la.

Ela estava olhando em estado de choque para a gaulesa.

— Luguselwa?

A mulher assentiu brevemente, o que me revelou duas coisas apavorantes: primeiro, Meg a conhecia. Segundo, ela se chamava Luguselwa. Enquanto olhava para Meg, a ferocidade nos olhos da gaulesa regrediu um pouco, passando de *Vou matar todo mundo agora* para *Vou matar todo mundo daqui a pouco*.

— Isso mesmo, Plantinha — disse a gaulesa. — Agora guarda suas armas, antes que o Gunther aqui seja obrigado a cortar sua cabeça fora.



2

Doce no jantar?

Acho que não vai rolar

Vou fazer xixi

O CARA COM A ESPADA pareceu feliz da vida.

— Cortar a cabeça fora?

O crachá com o nome GUNTHER preso em sua armadura era a única parte do disfarce que ele aceitara usar.

— Ainda não. — Luguselwa continuou de olho em nós dois. — Como vocês podem ver, Gunther adora decapitar pessoas, então sejam bonzinhos. Venham...

— Lu — disse Meg. — Por quê?

Quando se tratava de expressar mágoa, a voz de Meg era um instrumento afinadíssimo. Eu já tinha ouvido Meg lamentar a morte dos nossos amigos. Descrever o assassinato do pai. E também a raiva que sentia do padrasto, Nero, que matou o pai dela e maltratou sua cabecinha com anos de abuso emocional.

Mas, quando falou com Luguselwa, a voz de Meg alcançou uma nota totalmente diferente. Ela falou como se sua melhor amiga tivesse arrancado os braços e as pernas de sua boneca favorita sem nenhum motivo ou aviso. Ela soou magoada, confusa, incrédula... como se, em uma vida cheia de indignidades, aquela fosse a indignidade que ela nunca teria previsto.

Os músculos da mandíbula de Lu se tensionaram. Veias latejaram nas têmporas. Não consegui identificar se ela estava com raiva, sentindo culpa ou nos mostrando seu lado caloroso e fofo.

— Lembra o que ensinei a você sobre o dever, Plantinha?

Meg engoliu em seco.

— Lembra? — insistiu Lu, com a voz mais firme.

— Lembro — sussurrou Meg.

— Então pega as suas coisas e vem logo. — Lu empurrou a espada de Gunther para longe do pescoço de Meg.

O homenzarrão resmungou alguma coisa que supus que fosse *Você nunca me deixa brincar direito* em germânico.

Aturdida, Meg se levantou e abriu o compartimento superior de bagagem. Não entendi por que ela estava seguindo tão passivamente as ordens de Lugselwa. Nós tínhamos partido para a briga em situações mais complicadas. Quem era aquela gaulesa?

— É isso? — sussurrei, quando Meg me deu minha mochila. — A gente vai desistir?

— Lester — murmurou Meg —, só faz o que eu digo.

Botei a mochila, o arco e a aljava nos ombros. Meg colocou o cinto de jardinagem. Lu e Gunther não pareceram se importar ao me verem armado com flechas e Meg com um suprimento amplo das sementes que tinha herdado. Enquanto pegávamos nossas coisas, os passageiros mortais nos olhavam com irritação, mas ninguém reclamou, provavelmente porque não queriam irritar os dois condutores enormes nos escoltando.

— Por aqui. — Lu apontou com a besta para a saída atrás dela. — Os outros estão esperando.

Os outros?

Eu não queria encontrar mais gaulesas nem mais Gunthers, mas Meg seguiu Lu calmamente pela porta dupla de acrílico. Fui logo atrás, com Gunther fungando no meu cangote, provavelmente avaliando como seria fácil separar minha cabeça do meu corpo.

Um passadiço ligava nosso vagão ao seguinte: um corredor barulhento e agitado com portas duplas automáticas nas duas extremidades, um banheiro minúsculo num canto e portas externas à direita e à esquerda. Cogitei me jogar por uma dessas saídas e torcer para dar certo, mas temi que o “dar certo” fosse morrer estatelado por causa do impacto da queda. Estava um breu lá fora. A julgar pelo

barulho nos painéis de aço corrugado embaixo dos meus pés, o trem devia estar a mais de cento e cinquenta quilômetros por hora.

Pela porta mais distante de acrílico, vi o vagão-restaurante: uma bancada de lanchonete suja, uma fileira de mesas e meia dúzia de homenzarrões circulando: mais germânicos. Nada de bom nos esperava lá dentro. Se Meg e eu quiséssemos escapar, aquela era a hora.

Antes que eu pudesse tomar qualquer atitude desesperada, Luguselwa parou abruptamente na frente das portas do vagão-restaurante e se virou para nós.

— Gunther — disse ela —, verifique se há infiltrados no banheiro.

Ao ouvir isso Gunther ficou tão confuso quanto eu, ou porque não entendeu o motivo ou porque não tinha ideia do que era um “infiltrado”.

Tentei imaginar por que Luguselwa estava sendo tão paranoica. Estaria com medo de termos uma legião de semideuses escondidos no banheiro, esperando para entrar em cena e nos salvar? Ou será que, como eu, ela já tinha surpreendido um ciclope no trono de porcelana e não confiava mais em banheiros públicos?

Depois de encará-la por alguns instantes, Gunther soltou um resmungo e fez o que ela mandou.

Assim que ele enfiou a cabeça no banheiro, Lu nos olhou com uma expressão intensa.

— Quando a gente entrar no túnel para Nova York — disse ela —, vocês dois peçam para usar o banheiro.

Eu já tinha recebido muitas ordens idiotas antes, a maioria de Meg, mas aquela chegava a outro nível.

— Na verdade, eu preciso ir agora — falei.

— Segura — disse ela.

Olhei para Meg para ver se aquela orientação fazia sentido para ela, mas a garota olhava desolada para o chão.

Gunther voltou da patrulha sanitária.

— Ninguém.

Pobre coitado. Depois de ser obrigado a verificar se havia infiltrados num banheiro de trem, o *mínimo* que se podia esperar era encontrar mesmo alguns infiltrados para matar.

— Ótimo — disse Lu. — Venham.

Ela nos levou para o vagão-restaurante. Seis germânicos se viraram para olhar para nós, os punhos enormes segurando milhões de bolinhos e xícaras de café. Bárbaros! Quem come bolinhos à noite? Os guerreiros estavam vestidos como Gunther, com armaduras de couro e ouro, inteligentemente disfarçados com crachás de identificação da companhia de transporte. Um deles, AEDELBEORT (o nome de menino mais popular dentre os germânicos nascidos em 162 a.C.), berrou uma pergunta para Lu em um idioma que não reconheci. Lu respondeu na mesma língua. A resposta dela pareceu satisfazer os guerreiros, que voltaram a se ocupar com a comida. Gunther se juntou a eles, resmungando que era muito difícil encontrar bons inimigos para decapitar.

— Sentem-se aqui — ordenou Lu, apontando para um reservado junto à janela.

Meg se sentou, a contragosto e mal-humorada. Eu me acomodei à frente dela, colocando o arco, a aljava e a mochila ao meu lado. Lu ficou por perto, para ouvir se tentássemos discutir um plano de fuga. Ela não precisava ter se preocupado. Meg continuava sem nem olhar para minha cara.

Eu me perguntei novamente quem era Luguselwa e o que ela representava para Meg. Nem uma única vez nos nossos meses de viagem ela tinha sido mencionada. Isso me incomodou, porque não indicava que Lu era irrelevante. Pelo contrário: comecei a desconfiar que era *muito* importante.

E por que uma gaulesa? Os gauleses eram incomuns na Roma de Nero. Quando ele se tornou imperador, a maioria havia sido conquistada e “civilizada” à força. Os que ainda tinham tatuagens, usavam torques e viviam de acordo com os antigos costumes foram jogados para as fronteiras da Bretanha ou forçados a ir para as Ilhas Britânicas. O nome Luguselwa... Meu gaulês nunca tinha sido lá essas coisas, mas eu achava que significava *amada do deus Lugus*. Senti um calafrio. Que pessoalzinho estranho e violento eram as deidades celtas.

Meus pensamentos estavam descontrolados demais para eu resolver o enigma de Lu. Eu ficava pensando na pobre anfisbena que a mulher tinha matado; um monstro trabalhador inofensivo que nunca chegaria em casa, ou reencontraria a esposa, só porque uma profecia fizera dele instrumento.

A mensagem tinha me deixado abalado; era uma estrofe em *terza rima*, como a que ouvimos no Acampamento Júpiter:

*Ó, filho de Zeus, enfrente teu desafio final
Na torre de Nero subirão dois somente
Do teu lugar arranque o usurpador animal.*

É, eu havia decorado a maldita.

Agora, tínhamos o segundo conjunto de instruções, claramente conectadas à estrofe anterior, porque a primeira e a terceira linha rimavam com *somente*. Aquele Dante idiota com aquela ideia idiota de uma estrutura infinita de poema:

*O amigo dos velocistas das cavernas é de Hades um dos descendentes
E para o trono ele deverá mostrar o caminho escondido.
Do exército de Nero agora suas vidas são dependentes.*

Eu conhecia um filho de Hades: Nico di Angelo. Ele ainda devia estar no Acampamento Meio-Sangue, em Long Island. Se sabia um caminho secreto para chegar ao trono de Nero, ele só teria oportunidade de nos mostrar se fôssemos daquele trem. Mas eu não fazia ideia se Nico era “amigo dos velocistas das cavernas”.

O último verso da estrofe era simplesmente cruel. Estávamos cercados agora do “exército de Nero”, então é claro que nossas vidas dependiam deles. Eu queria acreditar que havia mais naquele verso, algo positivo... talvez ligado ao fato de que Lu tinha mandado que fôssemos ao banheiro quando entrássemos no túnel de Nova York. Mas, considerando a expressão hostil da gaulesa e a presença dos sete amigos germânicos extremamente calibrados de cafeína e açúcar, eu não estava muito otimista.

Eu me mexi no banco. Ah, *por que* fui pensar no banheiro? Minha vontade tinha aumentado *muito*.

Do lado de fora, outdoors iluminados de Nova Jersey passavam: propagandas de concessionárias que vendiam carros que ninguém conseguia dirigir direito; advogados oferecendo os serviços para clientes que quisessem culpar os outros motoristas depois de bater com esses mesmos carros; cassinos onde seria possível torrar o dinheiro dos processos pelos acidentes causados pelos outros. O grande ciclo sem fim que é a vida.

A estação do aeroporto de Newark chegou e passou. Pelos deuses, eu estava tão desesperado que até pensei em tentar fugir. *Naquele lugar questionável chamado Newark.*

Meg ficou quieta. Fiz o mesmo.

O túnel de Nova York chegaria logo. Talvez, em vez de pedir para ir ao banheiro, a gente pudesse atacar nossos captores...

Lu pareceu ler meus pensamentos.

— Que bom que vocês se renderam. Nero tem três outras equipes como a minha só neste trem. *Todas* as passagens, todos os trens, ônibus e voos para Manhattan estão sendo vigiados. Nero tem o Oráculo de Delfos ao lado dele, lembrem-se. Ele sabia que vocês vinham hoje. Vocês jamais conseguiriam entrar na cidade sem serem pegos.

Destruir minhas esperanças tudo bem, Luguselwa. Agora dizer que Nero estava com Píton, aliada dele, espiando o futuro e usando o *meu* oráculo sagrado contra mim... covardia.

Mas Meg se animou de repente, como se alguma coisa na fala de Lu tivesse lhe dado esperança.

— Então como foi que logo *você* nos encontrou, Lu? Sorte?

As tatuagens de Lu ondularam quando ela flexionou os braços, e o movimento dos círculos celtas me deixou meio enjoado.

— Eu te *conheço*, Plantinha — disse ela. — Sei onde encontrar você. Não existe sorte.

Pensei em vários deuses da sorte que discordariam daquela declaração, mas não discuti. Ser prisioneiro tinha matado minha vontade de jogar conversa fora.

Lu se virou para os companheiros.

— Assim que chegarmos à Penn Station, vamos entregar os prisioneiros para a escolta. Não quero nenhum erro. Ninguém mata a garota nem o deus, a não ser que seja absolutamente necessário.

— É necessário agora? — perguntou Gunther.

— Não — disse Lu. — O *princeps* tem planos para eles. Ele os quer vivos.

O *princeps*. Minha boca ficou com gosto mais amargo do que o café mais amargo servido naquele trem. Ser levado pela porta da frente de Nero *não* era como eu planejava confrontá-lo.

Em um instante, estávamos passando por uma região deserta de armazéns e docas de Nova Jersey. No seguinte, mergulhamos na escuridão do túnel que nos levaria por baixo do rio Hudson. Pelo alto-falante, um comunicado cheio de interferência nos informou que a próxima parada seria na Penn Station.

— Preciso fazer xixi — anunciou Meg.

Olhei para ela, perplexo. Ela ia *mesmo* seguir as instruções estranhas de Lu? A gaulesa tinha nos capturado e matado uma cobra de duas cabeças inocente. Por que Meg confiaria nela?

Meg enfiou o calcanhar com força no meu pé.

— É — gemi. — Eu também preciso fazer xixi.

Para mim, pelo menos, era dolorosamente verdadeiro.

— Segura — resmungou Gunther.

— Eu preciso *mesmo* fazer xixi. — Meg começou a saltitar no banco.

Lu deu um suspiro. A exasperação não pareceu falsa.

— Tudo bem. — Ela se virou para o grupo. — Vou levá-los. Vocês, fiquem aqui e se preparem para o desembarque.

Nenhum dos germânicos protestou. Eles já deviam estar cansados de ouvir as reclamações de Gunther sobre a patrulha ao banheiro. Todos começaram a enfiar os bolinhos que sobraram na boca e a recolher os equipamentos enquanto Meg e eu saíamos do reservado.

— Suas coisas — lembrou Lu.

Eu pisquei, sem entender. Certo. Quem ia ao banheiro sem seu arco e sua aljava? Seria burrice. Peguei minhas coisas.

Lu nos levou de volta até o passadiço. Assim que as portas duplas se fecharam, ela murmurou:

— *Agora.*

Meg correu para o vagão silencioso.

— Ei! — Lu me empurrou para o lado e parou só um segundo para murmurar: — Bloqueie a porta. Solte os vagões. — E saiu correndo atrás de Meg.

Fazer o quê?

Duas cimitarras surgiram nas mãos de Lu. Espera... ela estava com as espadas da Meg? Não. Pouco antes do fim do passadiço, Meg se virou para ela, conjurando as próprias espadas, e as duas mulheres lutaram como demônios. As

duas eram dimaqueras, a forma mais rara de gladiador? Devia significar... Eu não tinha tempo para pensar no que significava.

Atrás de mim, os germânicos estavam gritando e correndo. Chegariam à porta a qualquer segundo.

Não entendi direito o que estava acontecendo, mas passou pelo meu cérebro mortal estúpido e lento que talvez, só talvez, Lu estivesse tentando nos ajudar. Se eu não bloqueasse a porta como ela mandara, nós seríamos alcançados por sete bárbaros raivosos com os dedos melecados de açúcar.

Bati com o pé na base da porta dupla. Não havia maçaneta. Tive que pressionar as mãos no acrílico, uma de cada lado, e puxar para fechar.

Gunther correu até a porta com toda velocidade, e o impacto quase deslocou minha mandíbula. Os outros germânicos se espremeram atrás dele. Minhas únicas vantagens eram o espaço estreito em que eles estavam, que dificultava que unissem forças, e sua falta de noção. Em vez de se organizarem para abrir as duas bandas da porta, os germânicos simplesmente ficaram se empurrando e se acotovelando, usando o rosto de Gunther como aríete.

Atrás de mim, Lu e Meg duelavam sem descanso, as lâminas se chocando furiosamente.

— Que bom, Plantinha — disse Lu, baixinho. — Você se lembra do seu treinamento. — E mais alto, para nossa plateia: — Vou te matar, garotinha boba!

Imaginei como isso devia parecer para os germânicos do outro lado do acrílico: a camarada deles, Lu, presa em combate com uma prisioneira fugitiva, enquanto eu tentava segurá-los. Minhas mãos estavam ficando dormentes. Os músculos dos meus braços e do meu peito doíam. Desesperado, olhei ao redor em busca de uma tranca de emergência, mas só havia um botão de emergência dizendo ABRIR. De que adiantava?

O trem rugia pelo túnel. Calculei que tínhamos poucos minutos até chegarmos à Penn Station, onde a “escolta” de Nero estaria esperando. Eu não queria ser escoltado.

Solte os vagões, dissera Lu.

Como eu ia fazer aquilo, principalmente enquanto segurava a porta do passageiro? Eu não era engenheiro de trens! Locomotivas eram coisa de Hefesto.

Olhei para trás e avalei o passadiço. Por incrível que parecesse, não havia nenhum interruptor indicando claramente para um passageiro como soltar o vagão. Qual era o problema do sistema de transportes dos humanos?

Ali! No chão, uma série de abas articuladas de metal se sobrepunham, criando uma superfície segura por onde os passageiros podiam passar quando o trem fazia curva. Uma daquelas abas tinha sido aberta, talvez por Lu, expondo o acoplamento embaixo.

Mesmo que desse para eu alcançar as abas de onde estava, e não dava, eu certamente não teria a força e a destreza de enfiar meu braço ali, cortar os cabos e soltar o engate. O vão entre os painéis do chão era estreito demais, e o acoplamento, distante demais. Para acertar dali, eu teria que ser o melhor arqueiro do mundo!

Espera aí...

No meu peito, as portas balançavam com o peso de sete bárbaros. Uma lâmina de machado atravessou a borda de borracha ao lado da minha orelha. Virar para atirar com o arco seria loucura.

Sim, pensei histericamente. Vamos lá.

Ganhei um pouco de tempo puxando uma flecha e a enfiando no vão entre as portas. Gunther uivou. O grupo de germânicos se afastou, aliviando a pressão. Eu me virei e fiquei de costas para o acrílico, deixando um calcanhar apoiado na base das portas. Peguei o arco com dificuldade e consegui prender uma flecha.

Meu novo arco era uma arma de nível divino dos cofres do Acampamento Júpiter. Minha habilidade com o arco tinha melhorado drasticamente ao longo dos seis meses anteriores. Ainda assim, era uma péssima ideia. Era impossível disparar direito com as costas coladas em uma superfície rígida. Eu não conseguiria puxar a corda como precisava.

Mesmo assim, disparei. A flecha desapareceu no vão e passou longe do acoplamento.

— Em um minuto, chegaremos à Penn Station — disse uma voz no sistema de alto-falantes. — Saída pelas portas da esquerda.

— Nosso tempo está acabando! — gritou Lu.

Ela deu um golpe na direção da cabeça de Meg, que revidou embaixo e quase empalou a coxa da gaulesa.

Disparei outra flecha. Dessa vez, a ponta soltou fagulhas no engate, mas os vagões continuaram teimosamente conectados.

Os germânicos bateram nas portas. Um painel de acrílico se soltou. Um punho pulou para fora e segurou minha camisa.

Com um grito de desespero, pulei para longe das portas e disparei uma última vez, em cheio. A flecha cortou os cabos e acertou o engate. Com um tremor e um gemido, a peça quebrou.

Germânicos se espalharam pelo passadiço na hora que pulei o vão cada vez maior entre os vagões. Eu quase virei espeto nas espadas de Meg e de Lu, mas consegui recuperar o equilíbrio.

Eu me virei enquanto o resto do trem seguia pela escuridão a cento e dez quilômetros por hora, com sete germânicos nos olhando sem acreditar, gritando insultos que me recuso a repetir.

Por mais quinze metros, nossa parte desacoplada do trem continuou se movendo no embalo, mas acabou parando. Meg e Lu baixaram as armas. Uma passageira corajosa do vagão silencioso ousou botar a cabeça para fora e perguntar o que estava acontecendo.

Eu ordenei que ficasse quieta.

Lu me olhou de cara feia.

— Demorou, hein, Lester. Agora, vamos logo, antes que meus homens voltem. O status de vocês mudou de *os capturem vivos* para *pena de morte é aceitável*.



NÃO TEM CHORORÔ, a jornada de Apolo na Terra acabou! Depois de libertar antigos oráculos, enfrentar criaturas assustadoras, derrotar imperadores malignos e passar por humilhações indescritíveis, o ex-imortal se prepara para sua aventura derradeira entre os mortais. Se quiser retornar ao Olimpo e de quebra salvar seus amigos semideuses, ele terá que derrotar o temido Nero e a arqui-inimiga Píton, que não vê a hora de dominar para sempre o Oráculo de Delfos.

Por isso, Apolo e Meg retornam ao lugar onde tudo começou: Manhattan, em Nova York. Lá, terão que se infiltrar na terrível torre de Nero e impedir que o imperador ponha em prática seu plano megalomaniaco de destruição e faça picadinho deles. Com a ajuda dos amigos semideuses, de seres obcecados por chapéus e até da flecha falante mais dramática que existe, eles se preparam para enfrentar uma macabra profecia e seu destino final.

Conseguirá Apolo sair vivo desse embate e retornar ao Olimpo?

Conseguirá Meg confrontar seu padrasto cruel e manipulador?

E, mais importante: conseguiremos sobreviver sem Apolo?

Unindo mitologia greco-romana, tiradas hilárias e momentos de tirar o fôlego, o último livro da série *As Provações de Apolo* traz todos os elementos que consagraram Rick Riordan como um dos escritores mais importantes da literatura infantojuvenil. Considerado “o contador de histórias dos deuses”, o autor já vendeu quase sete milhões de exemplares no Brasil, e suas obras continuam sendo um sucesso absoluto.

SAIBA MAIS EM:

www.intrinseca.com.br/livro/991/

